

## Mosteiro da Batalha: Desenhos de traçaria

*Orlindo Jorge\**

### **Introdução**

A intenção primária deste artigo prende-se com a divulgação de alguns desenhos ou linhas de traçaria, concretamente cinco, localizados no Mosteiro da Batalha, mais particularmente nas Capelas Imperfeitas. Subsidiariamente é desenvolvido um enquadramento geral finalizado numa análise particular aos cinco desenhos. Com este contributo aumenta-se o número divulgado de riscos de traçarias, em edifícios históricos de Portugal, permitindo que outros explorem, em maior amplitude, esta temática ainda com reduzidos estudos publicados no nosso país.

O estudo das traçarias encontra importantes desenvolvimentos em outros países, mas ainda é muito parco em Portugal, talvez pelos escassos achados, ou pela falta do despertar do olhar dos nossos investigadores para um tema tão lateral. Entre as traçarias conhecidas em território luso cito as encontradas no convento de São Francisco em Santarém, as existentes no Convento de Santa Clara-a-Velha, as que se conservam no Mosteiro dos Jerónimos e, por fim, no Mosteiro da Batalha<sup>1</sup>.

### **Tipologias de traçarias**

Desde o séc. XIV que floresce na Europa um grande desenvolvimento do desenho arquitectónico quer pela evolução da complexidade técnica, quer

---

\* Voluntário do Mosteiro de Santa Maria da Vitória (área de investigação)

<sup>1</sup> Lídia Fernandes e Jorge Nuno Silva, "Jogos de tabuleiro de pedra em Portugal: o caso do Mosteiro da Batalha", Apenas Livros, 2012, pp. 5 e 7.

pelo surgimento das primeiras escolas de traçaria<sup>2</sup>, difundindo-se pela circulação no espaço europeu de mestres de obra e canteiros.

Conforme o fim a que se destinavam estes desenhos, que tanto figuravam alçados como plantas, apresentam-se em várias tipologias. As traçarias de esboço ou esquiço surgem como algo preparatório, exposição básica de um conceito, muitas vezes realizadas sem apoio de instrumentos auxiliares. Na traçaria de apresentação, ou melhor, desenho de apresentação<sup>3</sup>, normalmente em pergaminho e destinado ao encomendador, a realização é concebida com aparência cuidada, exibindo preferencialmente alçados. A traçaria em escala real era utilizada para uma aplicação directa como o exame dos encaixes de toda a estrutura pétrea a construir e seu ensaio ou para os respectivos moldes de apoio aos canteiros, isto quando não eram o risco preparatório da própria peça. Já a traçaria em escala reduzida era essencialmente usada para ensaio ou demonstração geométrica<sup>4</sup>.

### **Traçarias no Mosteiro da Batalha**

Naturalmente que um estaleiro da envergadura do Mosteiro da Batalha, com estruturas construtivas complexas e trabalhos de grande escala, obrigaria a um processo de planeamento de obra que passaria pela realização de esboços e projecções antes da sua execução. Nesse sentido é natural a existência, neste edifício, de vestígios dessa primeira linha do processo construtivo.

A amostragem exposta neste artigo limita-se ao interior das Capelas Imperfeitas, com três exemplares nas paredes das capelas radiais, outro num dos compartimentos conhecidos como sacristias, e o último no átrio, na parede sul adjacente ao portal, sem prejuízo para a existência de outras.<sup>5</sup> Todas as traçarias abordadas foram inscritas, nenhuma a traços incisos. O facto de localizarem-se em locais distintos afasta uma ligação directa entre si, mas ao

---

<sup>2</sup> Begoña Alonso Ruiz, "Los talleres de las catedrales góticas y los canteros del norte", *Actas del II Encuentro de Historia de Cantabria*, Santander, 2005, p. 5.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>4</sup> Paulo Pereira, Maria de Magalhães Ramalho, "Pedra de traçaria do Convento de S. Francisco de Santarém", In *Arqueología medieval*, vol. 5 (1997), p. 298.

<sup>5</sup> O Mosteiro da Batalha é rico em silhares com riscos incisos que indiciam pertencer a traçarias. A pedra aparelhada num primeiro momento serviu de suporte à traça. Uma vez apeado o desenho ficou desmembrado e assim foi aplicado na obra. Os principais focos encontram-se no pavimento do refeitório e no Claustro D. Afonso V.

mesmo tempo é evidente que as várias superfícies parietais lisas do interior do panteão de D. Duarte achavam-se como autênticas folhas em branco susceptíveis de serem usadas transformando todo o espaço numa enorme “sala do risco”, posteriormente confinado sobretudo ao átrio como será abordado mais à frente.

Considerando que as traçarias foram realizadas no local, uma vez que os riscos muitas vezes abrangem mais que um silhar sem quebras do traço, e que o início da construção das Capelas Imperfeitas teve lugar a partir de 1437, conseqüentemente a datação é elevada para um tempo posterior a esta data. No auxílio à datação também é considerável a análise a toda a riqueza dissimulada inscrita em quase todas as paredes pétreas do Mosteiro da Batalha, como os grafitos e a marginália, pois a gravação destas traçarias foi realizada do mesmo modo.

A maioria dos traços apresenta uma cor avermelhada sendo os outros de cor negra/cinza escuro. Relativamente aos avermelhados “são datáveis ad quem, pelo tipo de letra, como não posteriores a meados do séc. XVI”<sup>6</sup>, sendo que um desenho de elementos arquitectónicos góticos reforça a datação para o séc. XV do qual tratarei mais adiante<sup>7</sup>. Contudo são necessárias reservas nas avaliações dos traços avermelhados pois também os mesmos são visíveis em silhares de restauro como por exemplo na parede exterior junto à porta da actual portaria.

Já os riscos de cor cinza escuro indiciam ser de data posterior sendo que a análise paleográfica de uma inscrição tende a “classificar como escrita gótica, que emprega um tipo de letra que foi utilizado na maior parte das



Fig. 1 – Desenho a negro de uma coluna clássica.

<sup>6</sup> Saul Gomes, *Vésperas Batalhinas - Estudos de História e Arte*, Leiria: Edições Magno, 1997, p. 151.

<sup>7</sup> Lídia Fernandes e Jorge Nuno Silva, *op. cit.*, p. 8, sugerem os séculos XIV e XV.

inscrições que encontramos em monumentos de estilo gótico e manuelino e portanto empregue até ao século XVI” e “uma outra palavra, não identificada e iniciada pela letra maiúscula «R» “[...]” pode ser comparada à letra cursiva, habitual nos sécs. XV-XVI”<sup>8</sup>. Os desenhos de elementos arquitectónicos nesta cor, como o caso de uma coluna de feições clássicas (fig.1) visível no átrio das Capelas Imperfeitas abaixo da segunda fresta da capela-mor, lado norte, encostam cronologicamente à época das campanhas renascentistas, começadas com João de Castilho a partir de 1528. Corrobora esta cronologia o único grafito que até ao momento apresenta uma data, neste caso “1548 anos”<sup>9</sup>. Também toda a cautela é necessária pela existência nesta cor de assinaturas datadas do séc. XIX e XX e inclusive desenhos de traçaria como o que existe na parede nascente da galeria térrea do claustro Afonso V.

### As amostras

O primeiro desenho de traçaria que apresento (fig.2), já referenciado por outros autores<sup>10</sup>, situa-se na capela número um<sup>11</sup>, ao lado esquerdo da porta das escadas de caracol. Em traço avermelhado são visíveis dois janelões de arco em ogiva em alçado, estendendo-se o da esquerda mais abaixo. No seu interior

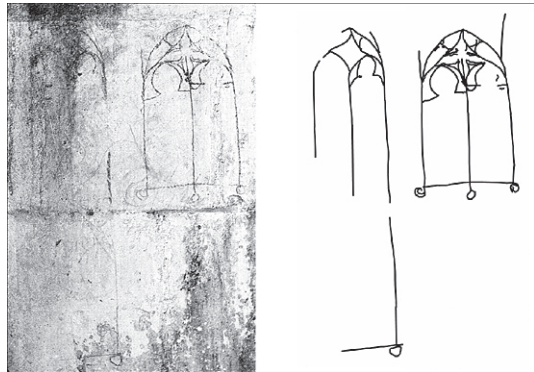


Fig. 2 – Traçaria, de cor avermelhada, de duas janelas. À esquerda, imagem no suporte original. À direita, decalque.

ambos apresentam desenho idêntico nas bandeiras e um mainel ao centro. No Mosteiro da Batalha as únicas aberturas que apresentam somente um mainel são as das capelas radiantes do Panteão de D. Duarte, excluídas as da lanterna da Capela do Fundador visto os mainéis e bandeiras serem inser-

<sup>8</sup> *Idem*, p. 8 e 9.

<sup>9</sup> Orlindo Jorge e Pedro Redol, “As Capelas Imperfeitas do Mosteiro da Batalha. Arqueologia e história da sua construção”, in *Cadernos de Estudos Leirienses*, n.º 5, (Setembro 2015), p. 316.

<sup>10</sup> Saul Gomes, *op. cit.*, p. 158 e 163, e Lídia Fernandes e Jorge Nuno Silva, *op. cit.*, p. 7.

<sup>11</sup> Sigo a numeração indicada no artigo referido em nota 8, partindo da capela norte adjacente ao portal e seguindo o sentido dos ponteiros do relógio.

ções dos restauros do séc. XIX<sup>12</sup>, no entanto sem correspondências nas bandeiras. Nas traçarias os desenhos das bandeiras inserem-se dentro do período flamejante do mosteiro. Considerando que nas Capelas Imperfeitas os últimos trabalhos flamejantes de pedraria suspenderam-se por volta de 1477<sup>13</sup>, este desenho baliza entre esta data e 1438. Ressalvo os elementos circulares da base sem conexão com o flamejante da Batalha. Caso não seja uma mera indicação, sem intuito de uma correspondência real, então poderemos estar num prenúncio de formas manuelinas, e uma conexão aos primeiros anos de Mateus Fernandes como Mestre-de-obras, desde 1490, ainda que tal não se me afigure pois os elementos são demasiado simplistas para as bases côncavas e convexas manuelinas. Os traços foram realizados à mão livre, portanto sem apoio de régua ou outro instrumento, notório pelo traço irregular e desacetado, tendencialmente descaído para a esquerda. Esta tipologia enquadra-se nas traçarias de esboço.

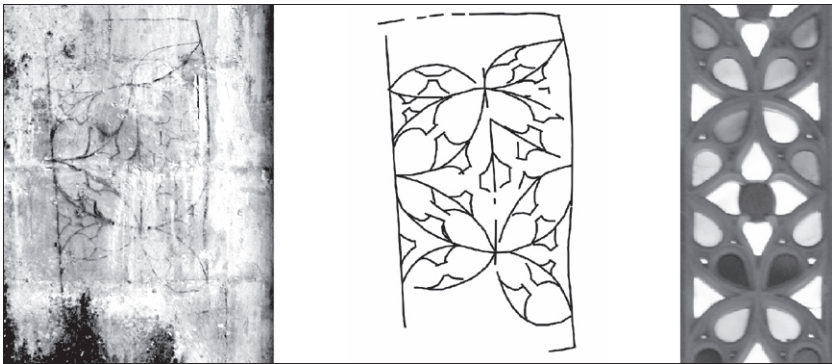


Fig. 3 – Traçaria de um padrão decorativo. À esquerda, no suporte original. Ao centro, decalque. À direita, rendilhado das janelas das capelas absidais.

A traçaria seguinte (fig.3) localiza-se na capela número seis, na parede poente, dentro dos mesmos moldes descritos anteriormente. Expõe o rendilhado de preenchimento de uma abertura rectangular. Verifica-se a mesma inclinação do traço para a esquerda sugerindo a mesma mão do desenho anterior. A questão que esta traçaria levanta reside no facto de o respectivo padrão ser muito idêntico ao rendilhado que as capelas absidais da igreja

<sup>12</sup> Vigé & Plessix, *Album pittoresco e artistico de Portugal*, datável entre 1849 a 1873, da colecção de Teresa Cristina Maria na Biblioteca Nacional do Brasil. Nas fotografias n.ºs 12 e 13, em que é visível a Capela do Fundador, verifica-se que as janelas da lanterna não possuem bandeiras.

<sup>13</sup> Orindo Jorge e Pedro Redol, op. cit., p. 305.

(fig.3, à direita) apresentam na sua fenestração, sendo que os preenchimentos da mesma foram acrescentados nos restauros do séc. XIX<sup>14</sup>. Acresce assim a dúvida de se, nos restauros, o molde foi copiado a partir de alguma existência original de outra localização (este padrão também se repete nas aberturas do refeitório), da qual este desenho pode ser um esboço, ou não, e a autenticidade tardo-medieval destas traçarias, ou parte delas, fica em causa. Em favor da autenticidade verifica-se uma coloração mais ocre e um desgaste maior de parte dos traços que não se verifica no traço já referenciado em silhares do séc. XIX.

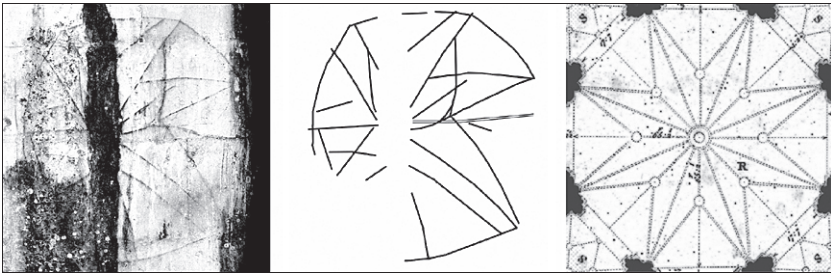


Fig. 4 – Traçaria aparentemente de um octógono e respectiva cobertura com abobada de nervuras em estrela com cruzaria, vista em planta. À esquerda, no suporte original. Ao centro, decalque. À direita, octógono das Capelas Imperfeitas, retirado da planta de James Murphy, com o desenho conjectural das nervuras.

Nesta mesma capela, mas por debaixo da janela poente, é visível um outro desenho (fig.4). Confirma-se dentro das características apresentadas anteriormente mas esta traçaria, ao invés das outras, apresenta-se em planta. Na figura geométrica, aparentemente octogonal, desenvolve-se uma série de linhas mal direccionadas, e com erros grosseiros, que correspondem às nervuras estreladas de uma abóbada de cruzaria, conforme a existente na Capela do Fundador. Simplificação excessiva do desenho que nem representa as chaves nas intersecções das linhas das nervuras. Estamos perante provável conjectura para a abobada a levantar no período flamejante na lanterna do Panteão de D. Duarte (fig. 4, direita).

O quarto desenho de traçaria (fig.5) acha-se no interior de um dos compartimentos vulgarmente chamados de sacristias, este no encontro entre as capelas 3 e 4. Dentro das características apresentadas anteriormente esta traçaria apresenta-se igualmente em planta. Num rectângulo, com afunilamento

<sup>14</sup> Vigé & Plessix, Op. cit., fotografia n.º 13.

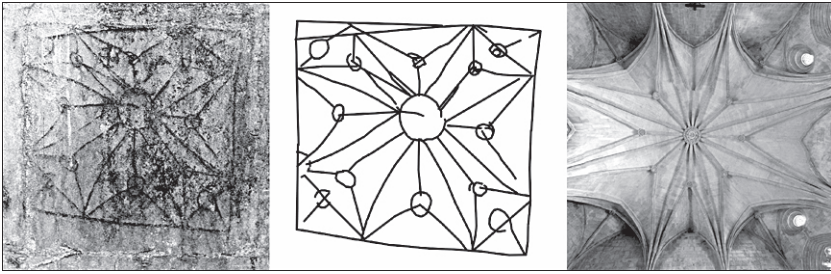


Fig. 5 – Traçaria de um rectângulo e respectiva cobertura com abóbada de nervuras em estrela com cruzaria, vista em planta. À esquerda, no suporte original. Ao centro, decalque. À direita, abóboda da Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha.

para a esquerda emendado na parte superior e com medidas próximas de um quadrado, estão representadas as nervuras típicas de uma abóbada estrelada com cruzaria, em tudo idêntica à sala do capítulo (fig.5, direita). Apercebemo-nos de que foi desenhada sem pré-demarkações, como tal não evitando a necessidade de emendas. É um desenho à mão-livre e com representação das chaves. O afunilamento referido induz para a mesma mão das duas primeiras traçarias indicadas nesta amostra.

No átrio das Capelas Imperfeitas, nas paredes confinantes ao portal, encontra-se a maior extensão de superfície lisa deste corpo do mosteiro, espaço ideal para uma monumental “sala do risco”. Efectivamente em ambas



Fig. 6 – Traçaria na parede sul adjacente ao portal no átrio das Capelas Imperfeitas. À esquerda, decalque no suporte original. À direita, decalque. Linhas pretas correspondem à traçaria negra, linhas cinza à traçaria avermelhada.

as paredes são notórios numerosos traços verticais e horizontais sugerindo um traçado de base ou possível métrica. Estas linhas tanto existem na cor avermelhada como negra. Na parede norte, devido ao escurecimento de praticamente toda a superfície, causa da contínua e excessiva humidade, favorável ao desenvolvimento de microrganismos, é praticamente impossível descortinar algo mais que subsista para lá desses traços. Já a parede sul, regularmente banhada pelo sol que o janelão próximo permite, apresenta poucas manchas escuras consentindo uma melhor observação. Na cor cinza escuro encontra-se traçado parte de um arco de volta perfeita (fig.6), sendo somente visível a ombreira esquerda. A encimar o arco, no lado esquerdo, uma circunferência a sugerir um medalhão renascentista. Confinante à ombreira, no mesmo lado da circunferência, vê-se uma coluna com topo superior chanfrado encimado por uma meia-lua com as pontas viradas para cima. Na frente, com incidência para a esquerda, uma forma piramidal com a aresta superior transformada numa circunferência. Este conjunto de traçaria de grandes dimensões sugere a utilização da escala real. Considerando que as paredes fundeiras das capelas absidais contíguas ao altar-mor seriam eliminadas perfazendo a ligação à igreja, e que os respectivos altares passariam para estas paredes, podemos considerar a possibilidade de uma traçaria retabular.

Nesta orientação não deixa de ser curiosa a reprodução, um tanto fantasiosa<sup>15</sup>, da gravura do antigo altar e retábulo de Santo Antão (fig. 7), no vestíbulo das Capelas Imperfeitas, segundo James Holland, 1839. Considerando a cor do traço e a tipologia do desenho, já justificado como associado ao Renascimento, proponho a datação a partir das campanhas de João de Castilho, iniciadas em 1528<sup>16</sup>, estendendo-a ao período de Miguel de Arruda,

---

<sup>15</sup> Na realidade não se verificam alterações nas cantarias dos contrafortes da capela-mor e das absidais, inclusive todos os silhares apresentam marcas de canteiro, que permitissem a existência da pia que se verifica na gravura. Também é estranho o encosto da cruz que a sobrepuja não ter deixado vestígios na pedra. O mesmo acontece com o retábulo, que nesta zona sujeita às intempéries não poderia ser de madeira mas sim de pedraria, do qual não ficaram vestígios de argamassas, ou de outras marcas, do seu encosto à parede. Tal acontece, por exemplo, com os desaparecidos altares das edículas da Capela do Fundador onde ainda hoje são visíveis essas marcas. Neste sentido fica desacreditada a gravura realizada muito ao gosto do romantismo mais interessado em compor um ambiente pitoresco do que expor uma realidade concreta.

<sup>16</sup> Seria interessante uma comparação com a traçaria do Mosteiro dos Jerónimos visto estar associada às campanhas de Castilho entre 1517 e 1522, conforme registam Paulo Pereira e Maria de Magalhães Ramalho, *op. cit.*, p. 301, nota n.º 5.





Fig. 7 – Gravura do antigo altar e retábulo de Santo Antão, no vestíbulo das Capelas Imperfeitas, segundo James Holland, 1839.

activo na Batalha desde 1533. Do que chegou à actualidade do Mosteiro da Batalha, nada se encontra onde encaixe o modelo do desenho desta traçaria.